FUGA E RESISTÊNCIA: O CASO DAS FUGAS DOS ESCRAVOS NA CIDADE DE CAMPINAS ENTRE 1870 E 1880[1].

Ana Josefina Ferrari

(Unicamp – PUC Pr)

Abstract

The problem that concerns us in the present paper is the way of the production of the slaves subjectivity. We concluded in our Master's dissertation entitled *A voz do Dono* that the slaves were constituted as subjects at the end of the Brazilian colonial society and that such constitution could be observed in the announcements of slaves´ escapes. We want to develop a hypothesis of how this process happened and how it is shown through the press, in announcements of slaves´ escapes published in the newspapers in Campinas, between 1870 and 1876. To do that, we believe it is necessary to go deep in the study of the subjectivity and for such thing we choose some Michel Foucault's texts to observe its operation and the theorical skeleton of *AD* of the French School for the analysis of the escape's announcements.

Key-words: Slavery, Resistance, Foucault, Discourse analysis

Resumo

Procuramos, nesse artigo, observar, anúncios de fuga de escravos publicados em Campinas entre 1870 e 1880 e Códigos de Postura de Campinas através do prisma dos textos "Sujeito e Poder" e "*Vigiar e Punir"*. Inicialmente, buscamos definir o conceito de resistência que propõe Foucault e com o qual trabalharemos.Em segundo lugar, propomo-nos a verificar a fuga como resistência, para, a seguir,observar como se articulam as relações de poder e, especificamente, observar como emerge a subjetividade dos escravos em uma sociedade que os considerava, através do enunciado da lei, objetos de direito. Concluímos que na fuga, o escravo coloca-se de modo ativo em relação ao seu Senhor , afrontando-o, resistindo. Dita resistência não será organizada nem responderá a uma instituição especifica. Essa fuga individual publicada nos jornais será uma das mais fortes expressões de resistência ou de atitude contrária ao regime escravista.

Palavras-chave: Escravidão – Resistência – Foucault -Análise do Discurso.

[1] Uma versão resumida do presente artigo foi apresentada no Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas,no dia 22 de setembro de 2004.

À guisa de Introdução

O presente trabalho é o resultado de uma das reflexões desenvolvidas em minha pesquisa de mestrado intitulada *A Voz do Dono*, a qual está sendo prosseguida no doutorado e no grupo de pesquisa Lugares de Enunciação e Processos de Subjetivação da linha de pesquisa Natureza e Fatores da Significação que funcionam atualmente no Instituto de Estudos da Linguagem na Unicamp.

A nossa reflexão tem inicio no texto de Foucault chamado "Sujeito e Poder". Nele, o autor afirma que:

> *Gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada à nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre a teoria e a prática. Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida. Para usar uma outra metáfora, ela consiste em usar esta resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias.(Foucault, 1995:234)(o grifo é nosso)*

Apoiados no afirmado por Foucault, analisaremos a fugas dos escravos na cidade de Campinas entre 1870 e 1876, especificamente aquelas que foram publicadas no jornal Gazeta de Campinas[2]. Inicialmente, buscamos definir o conceito de resistência que propõe Foucault e com o qual trabalharemos para, em segundo lugar, poder verificar a fuga como resistência e, a seguir, observar como se articulam as relações de poder e, especificamente, observar como emerge a subjetividade dos escravos em uma sociedade que os considerava, através do enunciado da lei, objetos de direito.

II. Dos fatos, das versões, dos olhares.

O problema que nos preocupa é o do modo de produção da subjetividade dos escravos. Concluímos em nossa dissertação de mestrado titulada *A voz do Dono*[3], de modo parcial, que o escravo era constituído como sujeito no fim da sociedade colonial brasileira e que tal constituição podia ser observada nos anúncios de fuga dos escravos. Queremos tecer uma hipótese de como esse processo de subjetivação se deu e como ele se

[2] Dentre os jornais da cidade de Campinas, os mais importantes nessa época eram: "Gazeta de Campinas", "Jornal de Campinas" e "Diário de Campinas". Utilizaremos os anúncios publicados na "Gazeta de Campinas". Os motivos metodológicos dessa escolha foram: a importância do jornal na cidade – a "Gazeta de Campinas" era um dos mais importantes jornais distribuídos na cidade na época- a maior quantidade de ocorrências de anúncios de fuga em comparação com os outros jornais - essa maior concentração nos permite observar os diferentes modos de enunciar sobre o escravo, através de diferentes mecanismos discursivos.

[3] FERRARI, ª A voz do dono , Dissertação mestrado IEL UNICAMP 2001

discursiviza através da imprensa, por meio do anúncio de fuga. Para isso, acreditamos necessário mergulhar no estudo da subjetividade e para tal escolhemos alguns textos de Michel Foucault para observar seu funcionamento e o arcabouço teórico da AD de escola francesa para a análise dos anúncios de fuga.

Os pressupostos que norteiam nosso trabalho resultam da reflexão sobre a escravidão no Brasil que se opõe, em vários momentos, às considerações que tece a história tradicional, ou o que Foucault chama de história global[4]. De acordo com ela, o papel do escravo na história do Brasil era extremamente passivo. O escravo só era submetido a condições infra-humanas, a um regime econômico sem aparentemente ele reagir a dita situação. Porém, quando recorremos às fontes primárias de pesquisa historiográfica, nos encontramos com elementos que não deixam de provocar nossa reflexão. Eles são noticias, anúncios, códigos de postura, leis, processos nos quais os escravos aparecem de um modo diferente ao sempre ensinado. Eles aparecem fugindo, reagindo, funcionando, se articulando socialmente, eles aparecem vivos e ativos. Os escravos das décadas de 70 e 80 analisados no presente artigo, aparecem resistindo. Porem, não falamos de movimentos "históricos", "memoráveis" como o Quilombo de Zumbi que era um movimento de grandes dimensões e que ganhava nuances de organização. Falamos do quotidiano dos escravos do seu dia a dia, daqueles pequenos momentos e gestos que se articulavam individualmente e que solitariamente eram publicados nos jornais.

A história global leu esses anúncios durante anos e neles conseguiu ver as marcas dos chicotes, os ferros no pescoço, as correntes nos pés, as tatuagens no corpo, as faltas de dentes, as estatísticas. Porém, alem do sempre lido podem ser observados outros elementos que nos levam a refletir sobre aquele modo de existência. Não esquecemos aqui o observado nos estudos tradicionais sobre escravidão brasileira, muito pelo contrario, lembramos os tratos que com eles se tinham e observamos a sua resposta nos

---

[4] Nas disciplinas da história tem – se utilizado os documentos interrogando-os e se interrogando a respeito deles tentando ver o que queriam dizer ou se diziam a verdade, se eram ou não autênticos, enfim, tentou-se reconstruir a partir do que diziam um passado que emanava deles. Como diz Foucault:
Reconstruir, a partir de lo que dicen esos documentos – y a veces a medias palabras- el pasado del que emanan y que ahora há quedado desvanecido muy detrás de ellos; el documento seguía tratándose como el lenguaje de una voz reducida ahora al silencio: su frágil rastro, pero afortunadamente descifrable. (Foucault; 1970:9)
Porém, Foucault diz que o documento não é uma matéria inerte a partir da qual se reencontre um passado um feito um dito documento não é aquele instrumento afortunado"de uma história que se reduz a simples memória, como considerada pela história tradicional que se dedicava a memorizar os monumentos do passado para transforma-los em documentos fazendo falar essas pegadas o que por elas mesmas não dizem. Hoje, o gesto é outro, a história tenta transformar os documentos em monumentos e que *allí donde se trataba reconocer por su vaciado lo que había sido, despliega uma masa de elementos que hay que aislar, agrupar, hacer pertinentes, disponer em relaciones, construir conjuntos*. Foucault afirma QUE ESSE MODO ARQUEOLÓGICO DE FAZER HISTÓRIA É O QUE ESTÁ SURGINDO AO SE FAZER UMA DESCRIÇÃO INTRÍSECA DO MONUMENTO. Fica definida, na *Arqueologia do Saber*, dois modos de fazer história ou duas histórias, a saber:

- ***HISTÓRIA GLOBAL que tenta restituir a forma do conjunto de uma civilização ou pretende explicar a significação comum a todos os fenômenos, e***
- ***HISTÓRIA GERAL que problematiza as series, os cortes, os limites, os desníveis, as desfassagens, as especificidades cronológicas, as formas regulares de remanescência, os tipos possíveis de relação***. (Foucault; 1970:*15-16)*

Humildemente, procuramos trabalhar no segundo grupo.

jornais, nos códigos de postura municipais, dentre outros documentos escritos e que perduram no tempo.

Procuraremos, neste ponto, iniciar uma análise das fugas dos escravos a partir dessa perspectiva de Foucault. Porém, acredito necessário fazer um pequeno resumo sobre a história da escravidão no Brasil, especificamente em Campinas no período de 1870 a 1880, para logo poder analisar mais amplamente o processo.

Encontramo-nos no Brasil do Século XIX, especificamente 1870. Ao contrário dos países europeus, o Brasil continua sob um regime econômico predominantemente feudal. Os cafezais são um dos principais modos de acumulação e movimento do capital. A mão de obra é predominantemente escrava embora colonos comecem a ser importados da Itália com o objetivo de substituir, paulatinamente, os escravos, porém, ainda, não muito ostensivamente. Também há alguns assalariados, mas não em grande quantidade. Vadios, prostitutas, carroceiros, doceiras, escravos forros são também personagens desse quadro do Brasil colonial.

Na cidade de Campinas, de acordo com os censos, a população escrava do município tinha crescido significativamente desde 1779. Nesta data, havia somente 156 escravos na cidade, já em 1829, esse número cresceu para 4800 escravos. Após a proibição do tráfico africano de escravos (1850) o comércio interno de escravos aumentou, sendo Campinas uma das regiões de maior captação de escravos do Oeste paulista. Em 1872, com o auge do café, a população de escravos em Campinas subia a 14 mil escravos. Esta fase durará até 1881 quando os fazendeiros, com os altos impostos sobre o tráfico interno de escravos, voltaram-se mais ainda para a utilização, da mão de obra, dos trabalhadores imigrantes. De modo que a cidade de Campinas no período compreendido entre 1870 e 1880 se constitui como um dos maiores centros de concentração de escravos no último período deste regime econômico[5].

Os escravos não estavam somente nas fazendas, eles também estavam nas cidades, nas casas dos senhores, onde recebiam tratos diferentes, trabalhado de pedreiros ou marceneiros ou em outro oficio quando eram alugados. Estavam alforriados procurando um modo de sobreviver. Os escravos que moravam nas casas dos senhores usavam roupas de melhor qualidade que as roupas de algodão distribuídas nas fazendas e não usavam ferro no pescoço.

Os escravos, já nesse período, circulavam pela cidade e era habitual encontra-los no chafariz, no armazém, na estalagem, na rua e em vários outros lugares que os homens livres freqüentavam. Os escravos viviam em cativeiro sob o domínio, principalmente, do dono, o qual decidia sobre suas ações. Esse autorizava o escravo a circular e determinava por onde circular. A legislação aparecia como controladora e como regulamentadora das ações do escravo. Esse não podia ir legalmente a qualquer lugar a qualquer hora. O dono o mandava executar certa ação num momento dado e a legislação punia qualquer excesso. O escravo não tinha o poder de decidir nem como, nem quando circular na cidade.

Por meio dessas restrições, observamos como o processo de subjetivação do escravo (os seus processos de identificação) são determinados pelo funcionamento de interdições espaciais, temporais e modais inscritas no discurso da lei. O escravo se

[5] Soares de Moura, D **Saindo das Sombras** Centro de Memória –UNICAMP 1998 pp35-36-37

constitui enquanto sujeito a partir de uma predicação de movimento (circular pela cidade) determinada por restrições temporais, espaciais e modais. Porém, o escravo circulava pela cidade e dita circulação configurava-se como um risco.Uma noção dessa circulação é dada pelos Códigos de Posturas das cidades que regulamentavam o quotidiano da cidade e, nesses, o espaço por onde os escravos deviam circular.O Código de Postura da Câmara Municipal de Campinas do ano 1864, onde se estabeleciam o tempo, o espaço e o modo como os escravos deviam circular na cidade é um bom exemplo do afirmado:

> *Capitulo 7*
> *Art. 60 É proibido aos escravos jogarem quaesquer jogo nas ruas, praças, estradas ou em cazas alheias sob a pena de 15$rs. de multa ou 10 açoites a escolha dos Senhores: as pessoas livres que jogarem com escravos ou prestarem suas cazas para isso terão a pena de 30$rs. e 8 dias de prissão.*
> *Capitulo 9*
> *Disposições Geraes*
> *Art. 67 Todo o escravo que for encontrado na rua depois do toque de recolhida, sem bilhete de seo senhor, será preso, e no dia seguinte entregue a quem pertencer.*
> *Art. 68 Todos os donos de tabernas, botequins e armezens que concentrem ajuntamentos de escravos demorados mais tempo do que necessário para comprarem ou venderem serão multados em 4$rs. E dois dias de prissão: os escravos sofrerão 10 açoites e poderão ser isemptos pelos senhores, pagando uma multa de 2$rs*
> *Art 69 O escravo fugido que for preso sem ordem de seo Senhor, este pagará a quem capturar 8$rs.Se for preso em quilombo sem resistência 6$rs. E com resistência 20$rs.*

Podemos observar que os escravos, segundo esse código que regula os costumes da cidade, não podiam circular pelas ruas sem o consentimento dos senhores fora dos horários liberados, não podiam jogar, não podiam comprar bebidas alcoólicas, não podiam permanecer em tabernas, armazéns e botequins mais tempo do que o necessário sob pena de punição dele e daquele homem livre com quem ele estiver. Há um como, um quando e um onde que é delimitado pelo código que diz sobre o escravo e que nos mostra os lugares, os modos e os momentos em que os escravos circulavam na cidade. Esse espaço físico no qual se movimenta o escravo limita os processos de identificação pelos quais ele se constitui como sujeito. Ele será escravo, também, enquanto freqüente os lugares que são permitidos e destinados para ele. Assim, o chafariz, a rua, as lojas, as casas são lugares onde o escravo está e é escravo porque está nesses espaços e não em outros. Seria impossível pensar um escravo, desse período, desacompanhado, sentado na sala ou na sacada da casa, ou na casa de modas, ou sentado no restaurante da cidade, esses lugares, esses espaços serão reservados para os donos de escravos e não para os escravos.

Os espaços, os lugares em que se movimenta o escravo o significam. Como diz Zoppi quando fala dos espaços da cidade: *(...) permite ao sujeito se situar no mundo porque se situa no mundo das significações, isto é, se reconhece num lugar da memória discursiva. (Zoppi, 1997: 4).* Assim, o espaço pelo qual o escravo é autorizado a se movimentar constitui parte da realidade com a qual se relaciona. Os espaços estão inseridos dentro de uma discursividade que permitirá ao escravo se significar de certas maneiras e não de outras e, desse modo, funcionando como espaços de subjetivação. O sujeito se constitui na sua inserção/identificação no espaço da cidade delimitado pelo cruzamento de uma memória e um lugar do tecido urbano. (Zoppi, 1997). Esse espaço permitirá ao escravo se significar como tal.

Os regulamentos existiam para distribuir, entre outras coisas, os indivíduos no espaço. A técnica usada para realizar esse fim consistia na distribuição dos indivíduos dentro da cidade. Mostra-se o lugar na serie que os escravos devem ocupar dentro dela para poder ser controlados. Foucault nos esclarece a esse respeito na sua obra Vigiar e Punir:

> *La disposición en "serie" de las actividades sucesivas permite toda una fiscalización de la duración por el poder: posibilidad de un control detallado y de una intervención puntual (de diferenciación, de corrección, de depuración, de eliminación) en cada momento del tiempo; posibilidad de caracterizar, y por lo tanto de utilizar a los individuos según el nivel que tienen en las series que recorren; posibilidad de acumular tiempo y la actividad de volver a encontrarlos ,totalizados, y utilizables en un resultado último, que es la capacidad final de un individuo. ....El poder se articula directamente sobre el tiempo; asegura su control y garantiza su uso. (Foucault; 1975:164)*

Em Códigos de Posturas de outras cidades também encontramos:

> ***Código de Postura de Araçareguama, S.P***.
> *Art. 126-: Todo inspector de quarteirão que em seus distritos consentir escravos fugidos, sem que dê parte às autoridades será multado em 4$rs..*
> ***Código de Postura de São Simão***
> *Art. 127: É proibido alugar ou emprestar coisas ou dinheiro a escravos, sem autorização dos senhores, multa de 10$000 ou prisão por 2 a 4 dias.*

A vida pública do escravo na cidade está, desse modo, regulamentada. Aparece, através deles, um modo de arrumar no mínimo a ordem estabelecida na sociedade. Isso se dá porque os regulamentos incluem não só o escravo, mas também todo aquele que com ele se relacione, ou seja, o restante da sociedade. Articulam-se dentro da cidade e em relação ao escravo uma série de regulamentos que regem a vida da sociedade toda, a vida do inspetor de quarteirão, a vida dos comerciantes, a vida do dono da estalagem, do dono do escravo. Um sistema de vigilância é criado: o inspetor de quarteirão, que se ocupa de controlar a ordem nas ruas se ocupa, também, de cuidar a legal circulação do escravo. O sistema criado através dos mecanismos descritos nos códigos e nos inspetores visam marcar o lugar que cada individuo ocupa, seu emprazamento. O espaço divide-se, no nosso caso, não por parcelas onde cada individuo ocupa um espaço como nas sociedades industriais da França do Séc XVIII estudadas por Foucault, senão por classes, espaços para as diferentes classes onde os escravos ocupam certos espaços e circulam em certos tempos ao contrário dos outros integrantes da cidade/sociedade. Porém, o objetivo dessa partição, que toma por objeto a referência espacial e temporal, é o mesmo :

> Es preciso anular los efectos de las distribuciones indecisas, las desaparición incontrolada de los individuos, su circulación difusa, su coagulación inutilizable y peligrosa; táctica de antideserción, de antivagabundeo, de antiaglomerción. Se trata de establecer las presencias y las ausencias, de saber dónde y cómo encontrar a los individuos, instaurar las comunicaciones útiles, interrumpir las que no lo son, poder en cada instante vigilar la conducta de cada cual, apreciarla, sancionarla, medir las cualidades o los méritos. Procedimiento, pues para conocer, para dominar y para utilizar. La disciplina organiza un espacio analítico. (Foucault ; 1975:147)

Assim, através dos Códigos de Postura, instauram-se juridicamente processos de exclusão e partição do escravo da/na vida pública da cidade, processos que atingem (via punição) também àqueles atores sociais que venham por ventura se relacionar com eles. Todos são punidos por infringir as regras estipuladas pelos Códigos de Postura que eram criados para regulamentar a distribuição da cidade em tempos e espaços.

O escravo só pode se relacionar com os outros através do senhor. Sua relação com o restante da sociedade livre deve ser feita através do senhor que tem o estatuto dos homens livres. Mas, de fato há alguma coisa funcionando em toda essa regulamentação. Se o escravo tranqüilamente circulasse pela cidade sem interagir com as outras camadas da sociedade como os pobres livres e os alforriados, e se ele não tivesse atitudes que "provocassem" ou colocassem em risco ou afrontassem o sistema socioeconômico estabelecido, não haveria necessidade de regulamentos. Se o escravo estivesse amarrado, acorrentado, imobilizado, não haveria necessidade de regulamentos institucionais que proibissem ou marcassem o lugar de cada um.

De fato, os escravos tinham uma certa mobilidade na cidade. Os regulamentos surgem para evitar e controlar várias situações que se davam na cidade com certa freqüência e decorriam dessa mobilidade. Os escravos jogavam, bebiam, ficavam nas ruas, pediam dinheiro emprestado, interagiam, tinham relações com os outros habitantes da cidade, tinham amigos. Eles entravam nas casas dos escravos forros e com eles conversavam, confabulavam, fugiam, **resistiam**. Os escravos fugiam dos donos como pode ser lido nos jornais onde era anunciada a fuga:

Figura 1



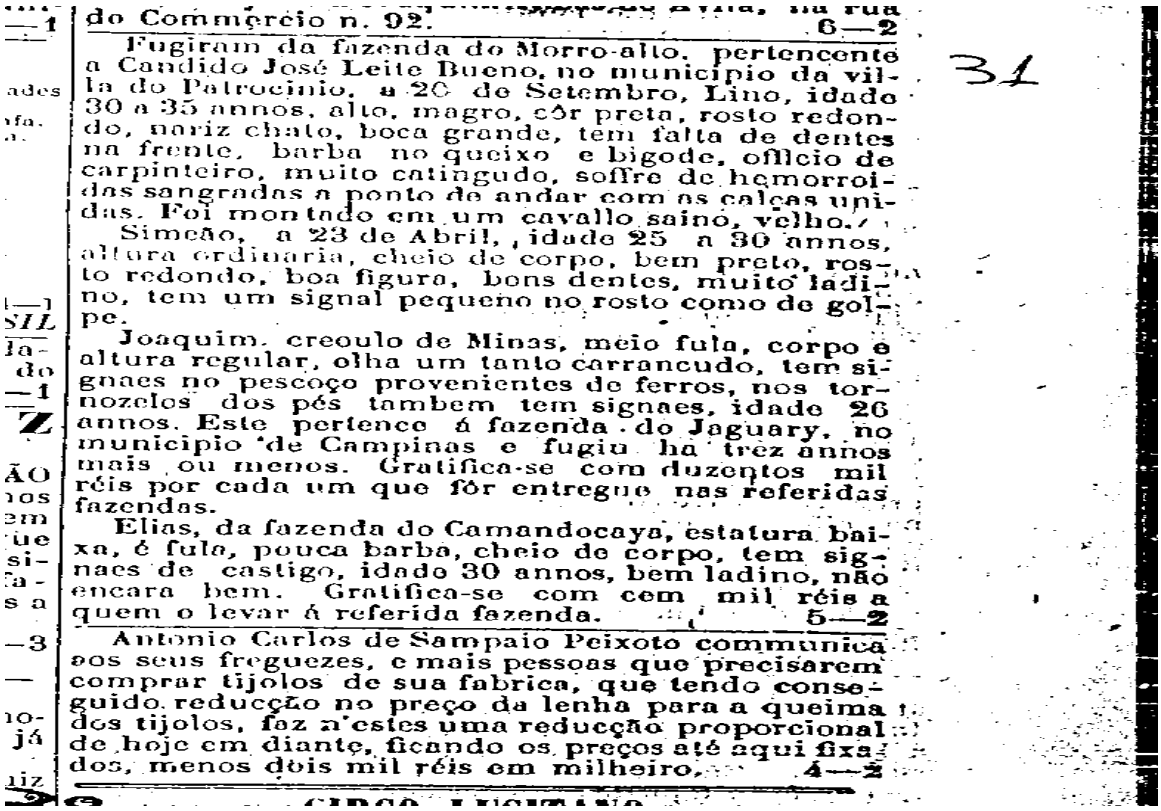
100$000 RS.

DE GRATIFICAÇÃO

Dá José de Barros Penteado, a quem captarar e entregar nesta cidade ao declarante, ou depositar em qualquer cadêa fóra deste municipio, o seu escravo Mathias, de 22 annos de idade, mais ou menos, estatura regular, côr preta, tocado a fula, rosto comprido, bonita feição, com falta de dentes, buço serrado, tendo um signal como córte no beiço superior, bastante altivo, falla bem, crioulo da Bahia, cujo sotaque de falla ainda conserva, tem os pés bem direitos. Fugiu com ferro no pescoço e péga nos pés, e tem signaes muito frescos do castigo que soffreu em consequencia de sentença do jury. 3-1

Campinas, 18 de Outubro de 1874.

Figura 2



do Commercio n. 92. 6—2

Fugiram da fazenda do Morro-alto, pertencente a Candido José Leite Bueno, no municipio da villa do Patrocinio, a 20 de Setembro, Lino, idade 30 a 35 annos, alto, magro, côr preta, rosto redondo, nariz chato, boca grande, tem falta de dentes na frente, barba no queixo e bigode, officio de carpinteiro, muito catingudo, soffre de hemorroidas sangradas a ponto de andar com as calças unidas. Foi montado em um cavallo sainó, velho.

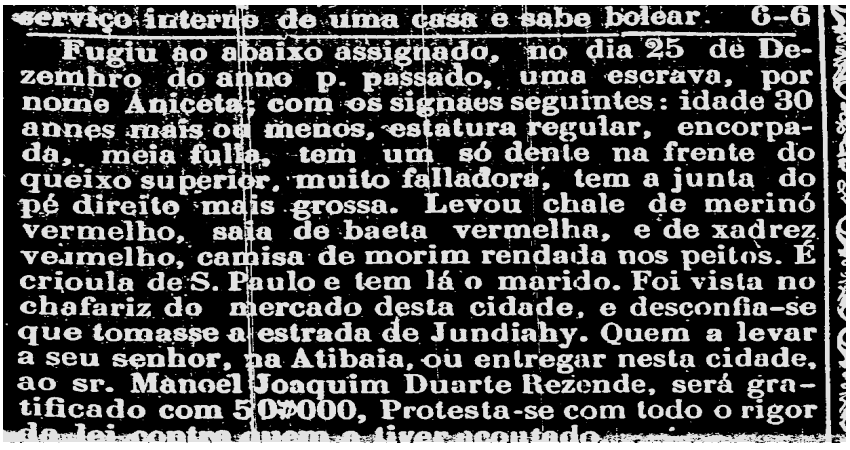
Simeão, a 23 de Abril, idade 25 a 30 annos, altura ordinaria, cheio de corpo, bem preto, rosto redondo, boa figura, bons dentes, muito ladino, tem um signal pequeno no rosto como de golpe.

Joaquim, creoulo de Minas, meio fula, corpo e altura regular, olha um tanto carrancudo, tem signaes no pescoço provenientes de ferros, nos tornozelos dos pés tambem tem signaes, idade 26 annos. Este pertence á fazenda do Jaguary, no municipio de Campinas e fugiu ha trez annos mais ou menos. Gratifica-se com duzentos mil réis por cada um que fôr entregue nas referidas fazendas.

Elias, da fazenda do Camandocaya, estatura baixa, é fula, pouca barba, cheio de corpo, tem signaes de castigo, idade 30 annos, bem ladino, não encara bem. Gratifica-se com cem mil réis a quem o levar á referida fazenda. 5—2

Antonio Carlos de Sampaio Peixoto communica aos seus freguezes, e mais pessoas que precisarem comprar tijolos de sua fabrica, que tendo conseguido reducção no preço da lenha para a queima dos tijolos, faz a estes uma reducção proporcional de hoje em diante, ficando os preços até aqui fixados, menos dois mil réis em milheiro. 4—2

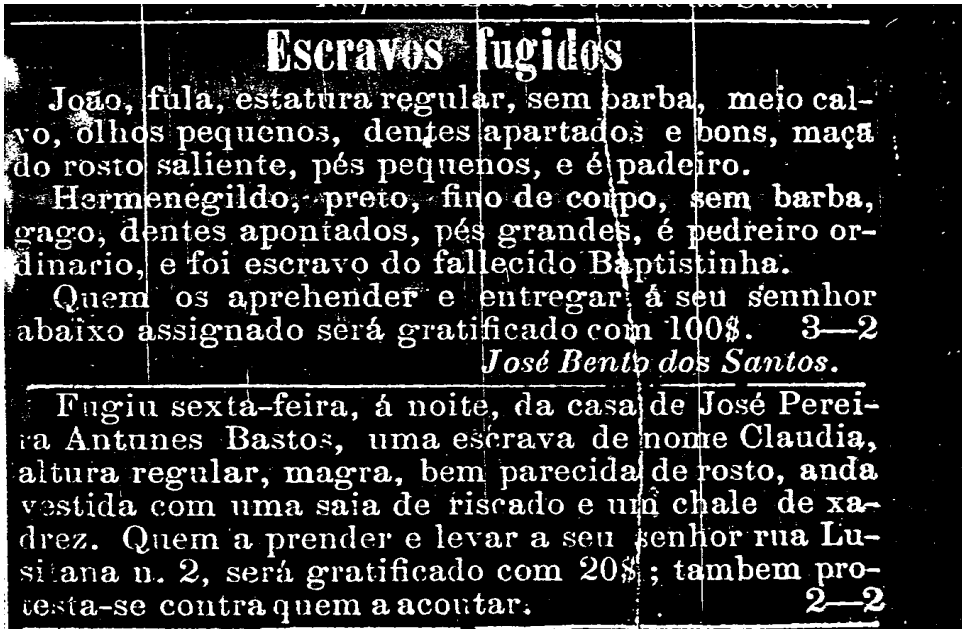
Figura 3



serviço interno de uma casa e sabe bolear. 6-6

Fugiu ao abaixo assignado, no dia 25 de Dezembro do anno p. passado, uma escrava, por nome Aniceta; com os signaes seguintes: idade 30 annos mais ou menos, estatura regular, encorpada, meia fulla, tem um só dente na frente do queixo superior, muito falladora, tem a junta do pé direito mais grossa. Levou chale de merinó vermelho, saia de baeta vermelha, e de xadrez vermelho, camisa de morim rendada nos peitos. É crioula de S. Paulo e tem lá o marido. Foi vista no chafariz do mercado desta cidade, e desconfia-se que tomasse a estrada de Jundiahy. Quem a levar a seu senhor, na Atibaia, ou entregar nesta cidade, ao sr. Manoel Joaquim Duarte Rezende, será gratificado com 50$000, Protesta-se com todo o rigor

Figura 4



Escravos fugidos

João, fula, estatura regular, sem barba, meio calvo, olhos pequenos, dentes apartados e bons, maçã do rosto saliente, pés pequenos, e é padeiro.

Hermenegildo, preto, fino de corpo, sem barba, gago, dentes apontados, pés grandes, é pedreiro ordinario, e foi escravo do fallecido Baptistinha.

Quem os aprehender e entregar á seu sennhor abaixo assignado será gratificado com 100$. 3—2

José Bento dos Santos.

Fugiu sexta-feira, á noite, da casa de José Pereira Antunes Bastos, uma escrava de nome Claudia, altura regular, magra, bem parecida de rosto, anda vestida com uma saia de riscado e um chale de xadrez. Quem a prender e levar a seu senhor rua Lusitana n. 2, será gratificado com 20$; tambem protesta-se contra quem a acoutar. 2—2

As fugas ora eram individuais, ora grupais. Os escravos fugiam das cidades e das fazendas e os motivos eram muitos, porém não nos deteremos neles e sim na observação do funcionamento dessa sociedade especificamente na relação entre donos e escravos. Mas podemos afirmar que a fuga em si é um ACONTECIMENTO SINGULAR que provoca uma escrita através da qual o escravo é subjetivado.

III. Respondendo a uma questão

De acordo com Foucault para haver resistência deve existir uma relação de poder e para existir uma relação de poder devem, ambas as partes, serem livres. O autor afirma reiteradas vezes que nas sociedades feudais, especificamente na relação do escravo com o dono não há relação de poder, embora exista um "porém" como podemos ler a continuação,

> Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas - a escravidão não é uma relação de poder, pois o homem está acorrentado (trata-se então de uma relação física de coação) - mas apenas quando ele pode se deslocar e, no limite, escapar.(Foucault; 1995:244) (o grifo é nosso)

É justamente nesse ponto que nos detemos para pensar a fuga, para pensar a fuga como resistência, como confronto e como exercício de poder sobre si, por parte do escravo, e perdida do exercício de poder sobre o outro, por parte do dono.

Embora seja definido por Foucault que nas sociedades feudais predominam as lutas contra a dominação étnica ou social, o que realmente pode ser pensado na sociedade escravista brasileira, mas a sociedade brasileira colonial tinha algumas características

diferentes. Nela, os escravos não estavam sempre e via de regra acorrentados. Eles tinham, fisicamente, uma certa mobilidade, uma certa possibilidade de se deslocar, que pode ser observada nos códigos de postura. Se os escravos tivessem estado acorrentados não se precisariam códigos para marcar o lugar que ocupavam na cidade. Não seria necessário, portanto, a palavra escrita para marcar o lugar, só bastaria o chicote. Sendo que eles andavam "soltos" podemos pensar que eles **potencialmente fugiam**. Eles podiam se deslocar e **no limite fugiam**. E de fato isso acontecia com certa freqüência.

As fugas dos escravos podem ser entendidas como resistência que desarticula uma forma específica de poder através de um exercício da liberdade, por parte do escravo, que deve ser sufocado sob pena de desestabilizar o sistema vigente, e também porque esses exercícios de liberdade

> *...questionam o estatuto do indivíduo: por um lado, afirmam o direito de ser diferente e enfatizam tudo aquilo que torna os indivíduos verdadeiramente individuais. Por outro lado, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra sua relação com os outros, fragmenta a vida comunitária, força o indivíduo a se voltar para si mesmo e o liga à sua própria identidade de um modo coercitivo. (Foucault; 1995:235)*

A fuga, a resistência que se evidencia a partir da fuga, torna o escravo um individuo *verdadeiramente individual,* "singular"?, e dito estatuto pode ser observado nos anúncios de fuga que é o lugar onde publicamente o escravo é falado.

O escravo, quando foge, reclama o direito de ser livre e, essa fuga, esse modo de contestar, de resistir a um exercício de poder **é publicado no jornal, é escrito.** Essa fuga ataca aquilo que separa ao escravo do restante da sociedade e o anúncio da mesma é um dos elementos que também possibilitarão a mudança social que acontecerá já quase no final do século quando a escravidão seja abolida.

IV. A guisa de conclusão

Procuramos, nesse artigo, observar desde uma ótica foucaultiana, os anúncios de fuga de escravos publicados em Campinas entre 1870 e 1880. Também utilizamos os Códigos de Postura de Campinas e outras cidades para auxiliar a análise das fugas e sua leitura através do prisma do texto "Sujeito e Poder" e *Vigiar e Punir*. Concluímos que na fuga, justamente ou especialmente nesse momento, o escravo coloca-se de modo ativo em relação com o seu Senhor e o afronta, resiste. Dita resistência, como podemos observar em vários momentos da história do Brasil, não será organizada nem responderá a uma instituição especifica[6]. Essa fuga, assim como outras expressões de resistência ou de atitude contrária ao regime escravista podia ser o aborto provocado pelas escravas que não admitiam trazer ao mundo filhos escravos ou, como pode ser visto em outros casos e que foi vastamente relatado pelos antropólogos, o baixo índice de natalidade entre os escravos causado por métodos anticoncepcionais utilizados pelas escravas. Era parte da vida quotidiana do período colonial e era um dos modos de resistir, uma das estratégias de resistência utilizadas pelos escravos. A resistência, como afirma Foucault, é uma luta

[6] Não podemos deixar de falar nos quilombolas como modo de resistência. Porém, de acordo com Prado Jr. Eles se formavam e dissolveram repetidas vezes ao longo da história brasileira e diferentes pontos do território nacional, portanto não podem ser consideradas organizações estáveis. Isso, de fato, não resta importância a esses movimentos de resistência por excelência.

contra o "governo da individualização"[7]. É uma oposição aos efeitos relacionados ao saber que ignora quem somos e que também determina quem somos."Uma técnica, uma forma de poder". Dita forma de poder faz dos indivíduos sujeitos, sejam sujeitos à alguém pelo controle e dependência, ou sejam, sujeitos à sua própria identidade por uma consciência. Ela torna os indivíduos, SUJEITOS A.

Os senhores prendiam os escravos, os confinavam a senzalas, os castigavam com ferro no pescoço quando fugiam ou davam chicotadas a modo de castigos exemplares, estupravam às escravas. Enfim, a violência era usada como instrumento dessa relação de poder, como exercício costumeiro, embora também, em outros casos, a procura do consentimento do escravo tenha existido[8] . Os senhores submetiam os escravos a seu poder através de diferentes modos de controle e elaboravam-se estratégias para a manutenção desse sistema, porém os escravos resistiam e procuravam não ser sujeitos AO dono e sim **sujeitos a sua própria identidade**, e uma das estratégias para atingir tal fim era a fuga. A fuga que era escrita nos jornais pelos próprios donos. Paradoxalmente chega ate nos, hoje, relatado por boca do dono através da escrita no jornal, a constituição do **escravo como sujeito à própria identidade**. Chega ate nos a escrita (descrita) de uma estratégia de resistência tenaz.

Cabia ao escravo se movimentar em um espaço controlado, num tempo delimitado e de modo definido, cabia ao escravo ficar sob o mando do dono, sob a força do chicote, porém, os escravos fugiam, resistiam, sem permissão.

V. Bibliografia

FERRARI, A. **A Voz do Dono (uma análise das descrições presentes em anúncios de fuga de escravos publicados na cidade de Campinas entre 1870-1876)** Dissertação de Mestrado. IEL Unicamp. Campinas 2001

[7] Depois de definida a resistência, o autor nos dirá que existem três tipos de lutas que podem ser diferenciadas e a partir das quais podem ser observadas as diferentes formas de resistência, a saber:

a. contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa);
b. contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que produzem;
c. contra aquilo que une o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão).(Foucault;1995:235)

[8] Para observar um caso de busca de consentimento pode-se recorrer ao livro "Barões e Escravos do Café" de Sonia Sant´Ana onde se relata a historia de escravos como a negra Laura que foi companheira de um Barão de café do Vale da Paraíba ou alguns dos casos relatados em " Casa Grande Senzala" de Gilberto Freire.

[8] Não podemos deixar de falar nos quilombolas como modo de resistência. Porém, de acordo com Prado Jr. Eles se formavam e dissolveram repetidas vezes ao longo da história brasileira e diferentes pontos do território nacional, portanto não podem ser consideradas organizações estáveis. Isso, de fato, não resta importância a esses movimentos de resistência por excelência.

_____ *o Gesto DE Fuga como ato simbólico In:* Temas e Matices UNIOESTE Cascavel Ano 1 Nº 2 p 74-78, 2001

_____. *O convívio de uma contradição: o escravo objeto de direto e sujeito singular*. In:XVI CELLIP, 2003, Londrina. 2003.

FOUCAULT, M. **La arqueologia del Saber**. Mexico Ed. Siglo XXI, (1970)

_____**Vigilar y Castigar** Argentina Ed. Siglo Veintiuno (1976)

_____*Sujeito e Poder* In: Dreyfus, H. **Michel Foucault : Uma trajetória Filosófica.** Trad. Vera Porto Carrero Ed. Forense Universitária Rio de Janeiro 1995

GAZETA DE CAMPINAS (1870-76)

SOARES DE MOURA, D **Saindo das Sombras** Centro de Memória –UNICAMP 1998 pp35-36-37

ZATTAR, N.M **Os sentidos de liberdade dos escravos na constituição do sujeito de enunciação sustentada pelo instrumento da alforria.** Dissertação de Mestrado IEL Unicamp, Campinas, (2000)

ZOPPI FONTANA, M. **Cidadãos Modernos. Discurso e representação política**. Campinas, Editora da UNICAMP. (1997b)

_____. *Camelôs e o Direito à Cidade* In: **ANAIS DO 7 ENCONTRO DA ANPUR: "Novos recortes territoriais, novos sujeitos sociais: desafios ao planejamento".** Recife, MDU/UFPE, maio 97, p.1160- 1179. (1997a)

_____*É o Nome que faz Fronteira* In Indursky, Freda (org.) **O múltiplo território da Análise do Discurso**. Coleção Ensaios do CPG-Letras/UFRGS. (1997c)

_____ *Um Estranho no ninho-Entre o Jurídico e o Político: o Espaço Público Urbano* In **Revista RUA n.º Especial** Campinas, (1999)